

TONY SILVINO ¹

Bureau d'étude Eveha, UMR 5138 ArAr

tony.silvino@eveha.fr

<https://orcid.org/0000-0002-0469-6979>

ANTONIO DO NASCIMENTO SÁ COIXÃO ²

Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

sacoixao@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3507-6270>

PEDRO PEREIRA ^{3 4}

Universidade do Porto, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras

pedro.abrunhosa.pereira@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9720-504X>

RUMANSIL I (MURÇA-DO-DOURO): UM COMPLEXO ARTESANAL
ANTIGO NO VALE DO DOURO

RUMANSIL I (MURÇA-DO-DOURO): A ROMAN ARTISANAL
COMPLEX IN THE DOURO VALLEY

“Conimbriga” LIX (2020) p. 73-111

https://doi.org/10.14195/1647-8657_59_3

¹ Arqueólogo do Bureau d'étude Eveha. Investigador associado da Unité Mixte de Recherche 5138, Archéologie et Archéométrie. Colaborador do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória FLUP.

² Arqueólogo. Diretor da Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão.

³ Arqueólogo. Investigador associado do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (FLUP).

⁴ Agradecemos o auxílio de Laudine Robin no estudo de materiais vítreos para a concretização deste artigo.

Texto recebido em / Text submitted on: 27/09/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 20/02/2020

SUMÁRIO: A zona em torno da vila de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) é sobejamente conhecida pela historiografia clássica devido à presença de uma série de estabelecimentos rurais no seu entorno. Entre os vários sítios romanos, destaca-se Rumansil I pela variedade de atividades aí realizadas: metalurgia de ferro e chumbo, produção cerâmica, tanto de *dolia* como de peças finas e comuns, e produção de vinho. Os dados disponíveis não permitem a datação do início da construção deste sítio, mas fornecem indicações de que o seu abandono terá ocorrido a partir da segunda metade do século III da nossa Era, com uma ocupação limitada durante o século IV. Rumansil I situa-se num território dominado pelo granito, a poucos quilómetros a Sul do Rio Douro. O estudo deste sítio foi fundamental para compreender a rede de estabelecimentos rurais romanos em torno de Freixo de Numão, local que, aliás, durante muito tempo, se pensava ter sido a capital de um território indígena e que terá jogado um papel importante na organização do espaço rural desta zona do Douro durante a Antiguidade.

PALAVRAS-CHAVE: Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal); romanização; ceramologia; vitivinicultura.

ABSTRACT: The area around Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) is widely known for its contributions on roman agricultural explorations. Among these sites, one is paramount for the variety of activities which were made there: metal works, of both iron and lead, pottery, both of common and fine vessels and *dolia*, and wine production. Though the data on the building of the site is not concrete, it's abandoned during the third century, with a limited occupation throughout the fourth century. Rumasil I is located in a territory dominated by granite, a few kilometers south of the Douro Valley. The study of this site is essential to understand the network of agricultural explorations around Freixo de Numão, an area where researchers have thought to have had an indigenous capital and might have played an important role on the rural space of this area of the Douro during roman times.

KEYWORDS: Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal); romanization; pottery; wine production.

RUMANSIL I (MURÇA-DO-DOURO): UM COMPLEXO ARTESANAL ANTIGO NO VALE DO DOURO

Introdução

O património arqueológico de Vila Nova de Foz Côa abrange uma série de sítios especialmente importantes para compreender a ocupação humana do vale do Douro, desde a Pré-História até aos tempos mais recentes. Durante a Antiguidade, houve uma concentração humana particularmente densa em torno da atual vila de Freixo de Numão. Efetivamente, a carta arqueológica deste território, sobretudo na zona Norte, apresenta uma série de sítios em bom estado de conservação, descobertos e intervencionados por um dos autores, sobretudo entre as décadas de 1980 e 2000. A partir de 2001, uma equipa francesa foi convidada a participar em vários projetos na zona⁵. Um dos sítios então intervencionados foi Rumansil I, localizado a Oeste da freguesia de Murça do Douro. Embora este sítio já tenha sido objeto de divulgação, quer em artigos de revista local quer em comunicações em congressos internacionais, foram aí apresentadas sobretudo as produções cerâmicas. A questão da vitivinicultura foi também já abordada (COIXÃO *et al.*, 2016; PEREIRA, 2017). Todavia, continuava em falta uma síntese sobre o conjunto da exploração agrícola e das diferentes produções aí realizadas.

O sítio localiza-se no Nordeste de Portugal, a Sul do Rio Douro, próximo da aldeia de Murça do Douro, no concelho de Vila Nova de Foz Côa (FIG. 1). Este complexo «artesanal» encontra-se posicionado

⁵ As várias campanhas de escavação foram financiadas pela Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, pela Câmara de Vila Nova de Foz Côa e pelo Estado, através da tutela do património (IPPC, IPPAR e IPA).

no extremo de uma plataforma granítica abrigada (a uma altitude média de 580 m), com uma orientação a Este, sobre o vale da Ribeira de Murça. Ocupando uma superfície de cerca de 1200 m², o sítio desenvolve-se sobre uma série de construções, reunidas em três conjuntos arquitetónicos e dois fornos de cerâmica, construídos sobre dois terraços (FIG. 2 e 3). Todas as edificações foram realizadas em granito, sem materiais ligantes, como argila ou argamassa de cal, visíveis no registo arqueológico: é de constatar que este tipo de construção, de pedra nua, é recorrente na região para o período em questão. A largura dos muros nunca ultrapassa 0,60 m.

1. O edifício Oeste

Estabelecido num patamar superior, a Oeste do sítio, o edifício tem uma planta retangular (9,80 x 10,60 m) e foi construído, tal como as restantes estruturas, com muros em blocos de granito bem afeixoados (FIG. 2). A única entrada situa-se a Norte do edifício, que tem uma orientação Norte/Sudeste/Oeste. As estruturas negativas localizadas no exterior Norte do edifício seriam certamente encaixes para um alpendre, que protegia a entrada das intempéries. Foram identificadas cinco divisões no seu interior. Na zona F foi descoberta uma estrutura circular com dois metros de diâmetro, assinalada por G na planta, e com uma abertura a Este, com vestígios de combustão e escórias de ferro no seu interior e em torno da mesma. Trata-se, com certeza, de um forno ligado à metalurgia. A morfologia da estrutura, tanto devido ao plano como aos detritos, levam a crer que se tratará de forno de fundição: um forno de redução de minério de ferro por método direto. Este tipo de estrutura permite a produção de uma massa bruta de ferro em estado sólido. A separação do metal e da escória efetuava-se pelo escoamento da mesma através da abertura a Este, preparada para o efeito. Os espaços E e F funcionariam, possivelmente, como apoios a este forno.

A Oeste do edifício foi identificado um espaço distinto, também destinado ao trabalho de metal. A estrutura C, de forma quadrangular e fechada por três muros, possui uma abertura a Oeste, formada por uma linha de pedras em granito. No interior desta estrutura foi descoberto um depósito importante de cinzas. Em frente, no espaço D, foram ainda descobertos vestígios de combustão e escórias de chumbo. A conjugação destes vestígios indica a presença de uma forja, local onde

eram realizadas as atividades posteriores à redução do metal em bruto e a produção de objetos, pequenos ou grandes, através da manipulação do ferro, reaquecido e martelado várias vezes. O espaço C seria utilizado para o armazenamento de material combustível, confirmado pela grande quantidade de cinzas aí presentes. Paralelamente, os tubos de alimentação e a válvula de sopro estariam localizados no espaço D. O ferreiro teria assim acesso direto aos dois espaços. Tanto a bigorna como a bacia de água deveriam ser portáteis e estariam localizados no espaço a Sul da zona C. A presença de escórias de chumbo na zona D poderá indicar que as últimas utilizações da forja terão sido para o trabalho de peças em chumbo. Em todo o sítio foram detetados poucos objetos produzidos neste material, uma vez que era recorrente a sua recolha e reciclagem. No entanto, foi descoberto um conjunto de materiais, nomeadamente de um contrapeso em chumbo (6 x 3 cm) e pequenos lingotes, possivelmente produzidos com restos de fabrico. Uma forja é, tradicionalmente, um espaço organizado, com divisões anexas para reservas de combustível, diversos tipos de bigornas, armazenamentos para matérias-primas e produtos. As divisões A e B terão, certamente, sido utilizadas para essas funções.

A presença de um forno de fundição e forja testemunha uma produção metalúrgica. O depósito descoberto na campanha de 2004 permite discernir alguns dados sobre esta produção. Situado a Este do sítio, encostado ao muro de delimitação do espaço, foi descoberto um depósito importante de materiais cerâmicos, metálicos e em terracota. O conjunto de metais é muito diverso. Para além de fragmentos de morfologia indeterminada, encontrou-se um grande conjunto de pequenos pregos. Ao mesmo tempo, foram inventariados pequenos blocos de ferro e bronze (7 x 1 cm). Foi ainda descoberta uma grande quantidade de pedras de amolar, utilizadas para afiar os produtos da forja, nomeadamente instrumentos agrícolas, como facas, podas ou machados.

2. Um atelier de cerâmica

A Este da estrutura que referimos situa-se um terraço artificial, com uma preparação de solo em argila, enquadrado a Norte por blocos graníticos (FIG. 2). A plataforma facilitava a circulação entre a estrutura e a zona Este do sítio. O edifício existente nesta zona estava dividido em duas grandes partes. A Norte, uma divisão de planta retangular

era destinada à produção vinícola. A Sul, e devido à proximidade em relação aos fornos de cerâmica, uma divisão de formato retangular poderá ter estado reservada à produção cerâmica.

2.1. Dois fornos

Existem em Rumansil I dois elementos que foram utilizados para a produção de peças cerâmicas. O primeiro é constituído por dois fornos localizados na zona Norte do sítio (FIG. 4, 5 e 6). As duas estruturas possuem uma morfologia construtiva similar. Trata-se de estruturas de combustão, de planta circular, totalmente construídas com recurso a blocos de granito e argila enquanto material ligante. Estes fornos foram instalados contra um maciço granítico e receberam, no interior, um pilar central, a partir do qual se dispõem blocos de granito na horizontal, em radial, revestidos com argila (FIG. 7). Embora a parte superior destes fornos tenha desaparecido, parecem ter sido estruturas sem cobertura. A estrutura das portas superiores dos fornos desapareceu totalmente, enquanto as portas das câmaras de cozedura foram apenas conservadas nas suas zonas inferiores. Aparentemente, estas portas podiam ser abertas até ao topo, para permitir uma melhor acessibilidade às câmaras de cozedura (FIG. 8).

Durante o processo de cozedura, esta abertura seria muito provavelmente encerrada com recurso a argila. As peças cerâmicas estariam protegidas do fogo direto por um empilhamento de grandes fragmentos de cerâmica, nomeadamente de *dolia*, *tegulae* e, talvez, terra, para a fase redutora do cozimento. Foram também descobertos traços de revestimento argiloso nas paredes interiores dos fornos. No que respeita às dimensões, o forno I, de maiores dimensões, apresenta um diâmetro de cerca de 4 m, com uma altura provável de 3,20 m. O forno II é mais pequeno, com uma altura de 1,5 m e um diâmetro de cerca de 2,20 m. Este tipo de estrutura constitui uma tipologia pouco documentada na região, ou mesmo na Península Ibérica, sendo, pelo que conhecemos, exemplar único no vale do Douro português, durante a Antiguidade. Todavia, exemplos etnográficos permitem estabelecer alguns paralelos. Com efeito, a descrição dos fornos de Rumansil I remetem para modelos conhecidos no Norte da Península Ibérica como «fornos célticos». Esta nomenclatura provém do facto de este tipo de estrutura se encontrar principalmente nas regiões graníticas da península, onde encontramos

também os castros, *habitats* de altitude ligados tradicionalmente aos povos de tradição celta. Contudo, os exemplares conhecidos datam normalmente de períodos mais recentes.

Devemos também observar a presença de uma estrutura que se encontra ao lado dos fornos, igualmente construída com recurso a blocos de granito e interpretada como uma zona de armazenamento de combustível. A análise realizada aos carvões encontrados demonstrou a presença de traços de sobreiro (*quercus suber*), pinheiro (*pinus pinaster*), medronheiro (*arbutus unedo*) e freixo (*fraxinus sp.*) (FIGUEIRAL, 2010).

2.2. As produções cerâmicas

As peças provenientes do *atelier* são conhecidas devido, sobretudo, às numerosas rejeições descobertas no depósito de 2004 anteriormente referido e na zona em torno dos fornos. Dividem-se em quatro categorias principais: *dolia*, cerâmicas finas, cerâmicas comuns e produções diversas⁶.

2.2.1. Os *dolia*

Foram descobertos numerosos fragmentos de grandes vasos de armazenamento, *dolia*, no forno 1 e no depósito. No total, foram recolhidos 2.666 fragmentos, correspondendo a um número mínimo de 184 indivíduos. Trata-se de peças com uma altura média de 0,90 m e uma largura equivalente. Com uma capacidade inferior a 100 litros, são de menores dimensões do que os *dolia* produzidos em outras províncias, como na Tarraconense, Gália Narbonense ou Itália (CARRATO, 2017). Efetivamente, os exemplares de grande capacidade são raros no território (PEREIRA & MORAIS, 2016). Nos raros indivíduos que fornecem uma forma completa, os flancos são arredondados, desenhando uma forma bojuda. Não se verifica uma transição entre a pança e o pescoço das peças, constituindo o último um prolongamento da curvatura do flanco, muito inclinado para o interior, com uma abertura linear. O fundo é sempre plano, com um ressalto claramente marcado nas extremidades.

⁶ Gostaríamos de agradecer às colegas Aurélie Hamel, Laudine Robin e Mélissa Légier pelos desenhos das peças.

Os cordões, geralmente presentes nos extremos da pança e na base da peça, estão totalmente ausentes nestes *dolia*. As pastas são grosseiras, como é habitual neste tipo de peças, e as cerâmicas foram feitas a torno, com a adição de desengordurantes de dimensões variadas. A coloração da pasta é variável, desde o bege ao vermelho-tijolo, dependendo da intensidade do cozimento. Embora existam características tipológicas próximas de linhas-mestre, os *dolia* não parecem terem sido produzidos seguindo uma standardização, com as formas a apontarem para uma multitude de variantes. O estudo tipológico permitiu identificar quatro tipos principais, de acordo com os bordos (FIG. 9), marcados pela simplicidade, com um maior engrossamento ou abatimento do lábio.

Tipo 1 (FIG. 9, nº 2): o bordo é retilíneo, obtido por um simples engrossamento dos flancos, sem transição com a pança. O lábio é quase paralelo ao plano. A uma dezena de centímetros da boca das peças, um ligeiro ressalto assinala o início do lábio. O diâmetro de abertura varia entre os 32 e 34 cm.

Tipo 2 (FIG. 9, nº 3): o bordo é muito inclinado para o interior das peças, terminado por uma protuberância arredondada e bem marcada. O lábio é quase paralelo ao plano. Os diâmetros de abertura são inferiores ao tipo anterior, com cerca de 25 cm.

Tipo 3 (FIG. 9, nº 4): apresenta um bordo com maior relevo, a alguns centímetros da abertura, com um ressalto bem demarcado. Os diâmetros médios são mais abertos, com cerca de 36 cm.

Tipo 4 (FIG. 9, nº 5): o bordo é perfeitamente liso, sem qualquer demarcação externa. Internamente, existe um ligeiro ressalto.

No total, foram identificados 184 bordos de *dolia*. As tipologias maioritárias são a 1 e a 2. O tipo 3 é secundário, enquanto o tipo 4 é visivelmente minoritário embora não tenha sido encontrada nenhuma estampa nas peças, foi identificado um *graffito* pré-cozimento. Poderá tratar-se de uma marca de oleiro *L(...) F(ecit)*. Alguns exemplares apresentam uma decoração, ainda que simples, com a utilização de linhas onduladas, realizadas com auxílio de um pente, na zona superior da pança.

A grande dimensão destas peças indicia que as mesmas seriam produzidas num grande forno. Uma restituição de carga do forno 1 demonstra que seria possível a cocção de 14 exemplares numa fornada, em dois andares de 7 contentores. Ao mesmo tempo, a descoberta de alguns exemplares *in situ* permitiu identificar o sistema de cobertura utilizado, placas de xisto circulares com uma perfuração central para a inserção de um cordão.

2.2.2. *As cerâmicas finas*

A cerâmica de serviço descoberta provém, sobretudo, do depósito descoberto em 2004. As cerâmicas finas contabilizam 3.558 fragmentos para 659 indivíduos. Foram detetados dois tipos de pastas finas: cerâmicas de pasta clara silicosa (com cozimento em modo A) e cerâmicas de pasta cinzenta silicosa (cozimento em modo B), normalmente denominadas de «cerâmicas cinzentas». A superfície das peças foi polida num momento pré-cocção. Relativamente ao número de indivíduos, as duas produções apresentam quantidades similares. As formas com pasta clara consistem quase exclusivamente em taças e pichéis. No caso das taças, trata-se quase sempre de modelos de parede oblíqua, tendo alguns indivíduos bordos ligeiramente reentrantes (FIG. 10, n° 1). Surgem ainda as taças de paredes bilobadas, com forma similar às *sigillatas* Drag. 27 (FIG. 10, n° 2 e 3). Relativamente aos pichéis, são de pequena dimensão, com bordo simples evasado (FIG. 10, n° 4). São visíveis traços de alisamento (bandas verticais) nos pescoços das peças. Quanto às peças cinzentas, a forma principal é o pichel, com uma produção idêntica às peças claras.

2.2.3. *A cerâmica comum*

Foram identificados 2.254 fragmentos, correspondentes a 568 peças. Trata-se sobretudo de produções de pasta clara silicosa. Os indivíduos produzidos em modo B são raros. As argilas micáceas utilizadas são semi-grosseiras e apresentam uma variação de cor entre o vermelho e o laranja. As formas presentes, por ordem quantitativa, são os potes, as bacias, os pratos e as tampas. No caso dos potes, estas formas eram destinadas à preparação de alimentos, e eram compostas, morfológicamente, por um lábio afunilado e, normalmente, asas, mas sempre sem pescoço (FIG. 11, n° 1, 2, 3 e 4). Como bacias, termo derivado do latim *baccinus*, normalmente denominam-se os recipientes portáteis, de forma genérica arredondada ou oval, com diversas utilizações domésticas ou industriais (VAN DER WERFF, 1982: 147). Do ponto de vista da diversidade funcional, estas peças seriam muito similares às bacias contemporâneas. De forma genérica, elas apresentam a mesma forma, com algumas diferenças tipológicas, sobretudo ao nível do lábio. O modelo recorrente em Rumansil I está equipado com um lábio liso

extravasado com diversas variantes (FIG. 11, nº 7). Existem ainda bacias de lábio triangular. Em certos casos, é visível uma decoração ondulada, realizada pré-cozimento, na pança. Os pratos de paredes oblíquas e de paredes reentrantes surgem também, ainda que em menor quantidade (FIG. 11, nº 5 e 6). Finalmente, existem, em menor número, tampas, limitadas aos modelos com bordo simples ou bordo com ressalto.

2.2.4. Varia

Para além da cerâmica de serviço e armazenamento, foram também produzidos no sítio pesos de tecelagem. A presença de várias peças deformadas no depósito de 2004 e exemplares não cozidos no forno 2 constituem evidência desta produção⁷. É também possível que se tenham produzido em Rumansil I elementos de construção, como *tegulae* ou *imbrices*, tendo em conta a grande quantidade de telha presente no sítio, especificamente na zona dos fornos, e que constitui um fenómeno menos frequente em outras explorações agrícolas da zona para o mesmo período. Os sítios do Prazo e Zimbro II, de dimensões superiores, tinham uma quantidade de *tegulae* inferior a Rumansil I⁸. A presença de uma *tegula* com a estampa *PEC(...) LAS[...]* *OFICINA* remete para uma oficina de produção, embora não seja possível assegurar a sua localização em Rumansil I (FIG. 12).

2.3. Os anexos

Embora uma parte da elaboração das peças cerâmicas pudesse ser realizada no exterior dos edifícios, como o torno ou a secagem de algumas cerâmicas, sobretudo utilizando abrigos ligeiros, construídos em materiais perecíveis, o edifício 2 poderá ter sido utilizado para estas atividades (FIG. 2). Com um plano mais ou menos retangular, possui três divisões, marcadas no plano como J, K e I. Os dois primeiros possuem uma planta retangular e uma abertura a Este, enquanto o terceiro é menos amplo. É visível uma grande entrada, com 4 m de largura, no

⁷ O conjunto de pesos contabiliza 27 indivíduos, tendo sido a maioria dele descoberta na campanha de 2004.

⁸ O número mínimo de indivíduos de *tegulae* descobertos na zona dos fornos é de 326.

lado Este, e uma entrada mais pequena, a Sul. Relativamente à sua funcionalidade, se a divisão I aparenta ter sido um espaço de circulação, as outras duas seriam muito provavelmente espaços consagrados à produção cerâmica. As dimensões consideráveis da entrada facilitariam a passagem de objetos para os fornos, sobretudo se estes fossem *dolia*. O espaço entre os edifícios 1 e 2 poderia também servir de zona de secagem para as peças. Quanto ao armazenamento de argila, a sua localização é desconhecida. Não foram, infelizmente, descobertos nenhuns elementos tradicionalmente associados à olaria.

3. A *cella vinaria*

A área de produção de vinho de Rumansil I constitui um exemplo raro, no território peninsular, tanto pela sua originalidade morfológica e construtiva como pelo conjunto arquitetónico que a rodeia. O facto da arquitetura e tecnologia clássicas sofrerem uma mutação para se adaptarem ao espaço e à paisagem em que inserem é inegável, criando uma estrutura algo atípica no mundo romano peninsular, mas que encontra alguns paralelos em outros sítios arqueológicos no vale do Douro⁹.

O espaço dedicado à vinicultura, ou *cella vinaria*, encontra-se distribuído em duas divisões, no edifício 2, a Norte (FIG. 2). A localização da estrutura parece ter sido escolhida devido a um grande rochedo granítico aí existente, tendo o mesmo sido reutilizado, alterando da mesma forma a composição morfológica da área de armazenamento e da própria estrutura do *torcularium*.

O maciço granítico onde decorria a transformação das uvas em vinho foi radicalmente transformado, com a elaboração de uma verdadeira bateria de tanques (Coixão *et al.*, 2016). A *area* do lagar, assinalada com a letra L, e o *calcatorium*, T1, foram escavados diretamente no rochedo, com cerca de 2,50 x 2 m e 3 x 2 m, respetivamente. Estes dois tanques seriam, muito provavelmente, revestidos com *opus signinum* e terão recebido estruturas em materiais perecíveis para ampliar a sua produção.

⁹ Veja-se, por exemplo, o caso do Alto da Fonte do Milho, em Canelas, Peso da Régua (PEREIRA, 2017), onde o lagar, com cronologia funcional no século III da nossa Era, foi construído com recurso a materiais locais, nomeadamente xistos e argamassas de cal.

A primeira prensagem seria feita no T1, que parece funcionar, concomitantemente, como *lacus musti*, ou tanque de fermentação. Um canal conduz este tanque ao T3, um *lacus*, onde seria vertido o líquido da primeira prensagem. Identificado com a letra L, a *area* do lagar, ou zona da prensa, encontra-se muito próxima do T1. Esta zona parece ter sido utilizada como base de uma prensa cujo contrapeso, infelizmente, nunca foi descoberto, embora este tipo de elementos seja frequentemente reutilizado, tanto no mundo romano como em épocas posteriores. O líquido extraído das massas seria então conduzido por um pequeno canal para uma zona inferior, um *lacus* ou tanque. Existem ainda dois outros tanques, de dimensões diminutas, cuja utilidade é difícil discernir, mas que terão servido certamente como tanques de apoio. A existência desta quantidade de tanques revela, paralelamente, uma produção complexa e numa quantidade considerável.

Com cerca de 35 metros quadrados, o rochedo onde foram implantados os tanques e a estrutura de lagar de Rumansil I parece ter uma outra funcionalidade, além do seu aproveitamento para aquelas estruturas, maioritariamente nele escavadas em negativo. A diferença de cota entre a zona Este e Oeste parece ser propositada, permitindo assim que as divisões R e S, que terão servido como caves de *dolia* no lado Este, se localizem a uma altura inferior, sendo a face Oeste composta em grande parte pelo maciço granítico. Os afeiçoamentos visíveis nesta face, para permitir o encosto de *dolia*, refletem esta realidade.

A fermentação do vinho seria feita, quase totalmente, nos recipientes de tipo *dolium*. Os mesmos estariam organizados nas salas R e S, de forma a permitir a circulação, mas também o aproveitamento máximo do espaço, relativamente diminuto (87 m²) para este tipo de estrutura (FIG. 13). Os *dolia* foram equipados com tampa de xisto perfurada para a passagem de um cordão, provavelmente em matéria vegetal (FIG. 15).

A teoria mais realista relativamente a Rumansil I é a de que seria um anexo do Prazo, dependendo diretamente deste sítio. Ora, o Prazo tem uma série de estruturas ligadas à transformação de matérias-primas, nomeadamente uma *cella vinaria* (PEREIRA, 2017; COIXÃO, 2018), de planta típica, muito similar às estruturas existentes noutras *villae* em território português, como em Vale do Mouro (Coriscada, Mêda) ou Torre de Palma (Monforte), e de forma geral na Península Ibérica (PEÑA CERVANTES, 2010 e 2014). O estabelecimento da produção de vinho em Rumansil I poderá assim corresponder a um aumento de produção,

associado à facilidade de se poder realizar a vindima para um lagar próximo, como certamente sucederia com lagares rupestres, mas aqui num modelo mais elaborado do que a maioria destas estruturas.

A questão do escoamento do vinho é pertinente. Tendo em conta que Rumansil I é um sítio eminentemente ligado à produção e transformação de matérias-primas, como seria feito o transporte do vinho? O facto de não ser viável (ou rentável, tendo em conta a alta probabilidade de fratura dos recipientes) o transporte terrestre de *dolia* cheios, o cenário mais provável seria o da utilização de recipientes perecíveis, como cascos em madeira ou, mais provavelmente, grandes odres ou *culleae*.

Finalmente, foi descoberta, em Rumansil I, uma pequena lagareta em xisto (COIXÃO, 2002). Tendo em conta o seu formato, a lagareta poderá ter sido utilizada para vinho, mas pensamos que não será de excluir a hipótese de ter servido para a transformação de outras matérias-primas. No primeiro caso, cremos que será de equacionar duas alternativas: a peça, eminentemente móvel, poderá ter sido utilizada enquanto lagareta de vinho num momento em que a estrutura principal ainda não estava funcional; ou ser utilizada em paralelo com a produção do lagar principal, em anos de maior abundância.

4. O muro exterior e o depósito de 2004

O muro de delimitação (P) é o último elemento arquitetónico que falta descrever (FIG. 2). Trata-se de um muro situado a Este do sítio, em torno de um terraço. É composto por duas partes. A primeira situa-se a Norte, construída com recurso a blocos de granito bem trabalhados e aparelhados, como os restantes edifícios. A Sul, a segunda parte do muro é constituída com uma mistura de blocos de vários calibres e talhes. Esta diferença indicia diferentes momentos de construção dessas estruturas, tendo o muro Sul sido construído numa época posterior. É visível uma entrada a Sul do muro Norte. A Este da estrutura subsistem, ainda, socalcos de vinha e «mortórios» do século XIX. É possível entrever como é que estes terrenos estariam organizados durante a Antiguidade, cultivados com as vinhas que forneciam uvas a Rumansil I.

5. Elementos de datação

O material descoberto em Rumansil I fornece uma grande quantidade de dados para datações relativas à ocupação do sítio, embora a estratigrafia seja extremamente limitada, não permitindo uma leitura das várias fases de ocupação, sobretudo para o período da construção dos edifícios. A maioria dos materiais provém dos níveis de abandono, seja nas zonas dos fornos seja no depósito de 2004. Relativamente aos materiais cerâmicos, nem a cerâmica comum nem os *dolia* fornecem dados para datações precisas. É então necessária a utilização dos dados provenientes das cerâmicas finas de importação de tipo *sigilata*. As *sigilatas* hispânicas (TSH) encontram-se representadas sobretudo pelos pratos de tipo Hisp. 15/17 e uma peça de tipo Hisp. 77. Para os primeiros, embora o início de produção esteja datado para as décadas 30/40 da nossa Era, a sua produção foi contínua até ao século III. No entanto, o segundo tipo apenas é produzido no século III (FERNANDEZ GARCIA & ROCA ROUMENS, 2014). É assinalável a presença de peças de importação africana, com pratos de tipo Hayes 50 (*sigilatas* C2), cuja comercialização parece situar-se entre os anos 240 e 320/330 (HAYES, 1972; BONIFAY, 2004; QUARESMA, 2012). Esta cronologia é corroborada pelas moedas, das quais a maioria pertence à segunda metade do século III¹⁰.

O vidro pode também fornecer importantes dados para a questão da cronologia. O conjunto exumado consiste em 36 fragmentos. Embora o lote aparente ser pouco consequente, muitos dos elementos correspondem a formas bem identificáveis e datáveis, permitindo desvendar um pouco mais a história de Rumansil I. Foram identificados 15 objetos. Este lote compreende dois conjuntos: vidros claros, ditos “naturais” e vidro incolor, sendo o primeiro conjunto superior em número. A não existência de vidros com cores fortes exclui uma ocupação na primeira metade do século I da nossa Era. Paralelamente, a presença de vidro incolor permite referir uma ocupação até ao século III da nossa Era. A morfologia das peças é pouco variada, com uma grande quantidade de formas abertas, correspondendo a taças ou tacinhas, e algumas formas fechadas. Apenas dois elementos se reportam a possíveis produções do início do Alto Império. Uma taça *linear-cut* produzida a molde, muito antiga. Este tipo está normalmente associado

¹⁰ O estudo numismático foi feito pelo Dr. João Albino Pinto Ferreira.

a um período que se estende desde o período de Augusto até meados do século I da nossa Era (c 1). Peça rara no Norte de Portugal, é do mesmo tipo de outras que se têm encontrado sobretudo em sítios com ocupação romana precoce, como campos militares ou urbes de fundação antiga (Braga, Astorga, León, Vigo, Santa Tecla) (CRUZ, 2009: 15). Tendo em conta o material associado, estes elementos são residuais. No conjunto de peças realizadas a sopro, contabilizamos uma taça esverdeada com bordo afunilado e lábio exterior, formando uma banda (FIG. 14, n.º 2). Trata-se do tipo Is. 46, cuja produção se inicia em meados do século I da nossa Era e se prolonga até meados da seguinte. Existe uma produção desta tipologia na Antiguidade Tardia, com decoração e características morfológicas ligeiramente distintas (CRUZ, 2009: 179-181). O exemplar de Rumansil I evoca mais facilmente as produções do início do Alto Império.

O resto do material vítreo é coerente com a moda vigente entre o final do século I e século III da nossa Era. A taça AR 16.1, moldada em vidro incolor, pertence ao “estilo internacional”, produzido desde o final do século I e em circulação até a meados do século III (FIG. 14, n.º 3). Copiosamente conhecida nas províncias ocidentais, nomeadamente na Gália (FOY *et al.*, 2018: 150-151), os paralelos são mais escassos em Portugal, tendo sido identificados inicialmente em 2009 no Nordeste Peninsular (CRUZ, 2009: 35-55). Os modelos AR16.1 são conhecidos em Braga, Lugo ou ainda Astorga (CRUZ, 2009: 45-46). Se a variante não pode ser especificada, o fundo anular em coroa afunilada pertence à mesma tipologia geral (FIG. 14, n.º 4). Entre os materiais produzidos a sopro, identificámos uma taça Is. 85, um dos recipientes de bebida mais utilizados durante os séculos II-III da nossa Era nas províncias ocidentais (FIG. 14, n.º 6). Esta tipologia é bem conhecida em Braga, Astorga, Banhos de Ricaldo, Ourense ou Lugo, onde foram detetados modelos entre o terceiro quartel do século II e meados do século III (CRUZ, 2009: 155-156). Identificámos ainda dois grandes fundos que poderão corresponder a cálices (FIG. 14, n.º 8 e 9). Esta produção esteve em voga desde o século II e sobretudo a partir do século seguinte (FOY *et al.*, 2018: IN48 e 49).

Parte das peças descobertas no sítio corresponde a uma longa diacronia cronológica, o Alto Império. É o caso da taça de bordo afunilado com lábio cortado em vidro verde claro, que poderá corresponder a várias tipologias (FIG. 14, n.º 5) ou ainda do pote Is. 94 (FIG. 14, n.º 7). O fundo anular com recuo de extremidades e o fundo sem pé são tipolo-

gicamente difíceis de definir (FIG. 14, n° 10 e 11). Por fim, existem dois elementos de formas fechadas. Um bordo massivo com lábio afunilado e retirado para o interior que faria parte de uma garrafa (FIG. 14, n° 12). Um fundo sem pé, marcado por uma inscrição, incompleta e sem leitura, com um ponto em relevo, que pertenceria às garrafas prismáticas, muito possivelmente de pança quadrangular de tipo Is. 50a/b (FIG. 14, n° 13). Estas últimas são frequentes e comuns em Portugal, do século I ao século III da nossa Era (CRUZ, 2009: 223-224; ROLO, 2018: 347). Podemos atestar a sua presença em sítios da região com cronologias similares, como Trás do Castelo ou Vale do Mouro (ROBIN, 2015: 56, n° 7; ROBIN, 2017). Trata-se de um fundo marcado por uma cruz em relevo e um ponto de relevo em cada ângulo. Estas peças são também conhecidas nas coleções do Museu de Castelo Branco (SIMÕES, 1986: n° 1 a 3) ou do Museu Arqueológico de Vila Viçosa, onde estão expostos vários exemplares provenientes da necrópole da Horta das Pinas ou em Rouca (Alandroal) (ALARCÃO, 1967: n° 35 a 38; ROLO, 2015: 151, fig. 11). Foram também descobertos vários exemplares em Braga (CRUZ, 2001: n° 1033 e 1051) e noutros contextos do Alentejo (ROLO, 2018).

Devemos ainda mencionar a presença de materiais mais tardios, ainda que em quantidades muito reduzidas, como fragmentos de *sigillata* tardia (TSHT), pertencentes sobretudo a taças de tipo Drag. 37 tardia. Foi ainda descoberta uma moeda de Constantino II (351-354).

Finalmente, se a data de construção inicial do sítio é difícil de discernir, a maioria das estruturas revela ter sido parcialmente abandonada na segunda metade do século III, e totalmente no início do século seguinte. A existência de materiais mais tardios confirma uma reocupação em pleno século IV, possivelmente para recuperação de materiais, fenómeno comum neste período no mundo romano.

7. Algumas conclusões

O sítio de Rumansil I corresponde a um importante complexo artesanal do vale do Douro. Embora subsistam ainda incertezas sobre a datação da construção deste sítio, parece ter sido ocupado pelo menos durante um século e meio, com um abandono final no início do século IV. Sucede-se uma reocupação do espaço, durante a segunda metade do século IV, visível em alguns materiais tardios. Este fenómeno é recorrente no mundo rural romano, sobretudo nesta zona da Península, onde

uma parte dos estabelecimentos, como as *villae* são reocupados sob uma diversidade de formas (LÓPEZ QUIROGA & RODRÍGUEZ MARTÍN, 2000-2001; ARIÑO, 2013)¹¹. Relativamente à tipologia do sítio, parece claro que não se trata de um *habitat*, mas de um centro de transformação de matérias-primas. Este estudo detalhado permite demonstrar o carácter excecional de várias atividades artesanais: metalurgia, vitivicultura e olaria.

Após a transformação do minério em lingotes, o ferro e o chumbo seriam utilizados para a confeção de vários objetos, embora apenas tenha sido possível descobrir uma pequena fração dos mesmos em Rumansil I. Seriam necessários vários instrumentos para os diferentes trabalhos agrícolas e artesanais que aqui se realizavam. A existência de forjas é comum em vários sítios com cronologias similares, como no Prazo (COIXÃO & MOREIRA, 2000). Relativamente à origem do minério de ferro e, em menores quantidades, de chumbo, as minas antigas na região são praticamente desconhecidas, embora existam traços de explorações mineiras na zona, pelo menos para os períodos Moderno e Contemporâneo (NALDINHO & TRABULO, no prelo). Relativamente ao chumbo, este era extraído a partir, sobretudo, da galena (sulfureto de chumbo) e da cerussite (carbonato de chumbo). Contudo, considera-se que também possa ter sido aproveitado o litargírio (óxido de chumbo), possivelmente mais frequente na Antiguidade do que a literatura especializada supõe. Para a sua obtenção recorria-se a fornos de fundição de estrutura muito simples. A baixa temperatura de fusão do chumbo (327° C) não exigia grandes investimentos nem estruturas complexas, o que explica a raridade das que se conservaram até à atualidade. Para o efeito, uma estrutura retangular, assente na rocha, e algumas pedras compondo um muro baixo eram suficientes. O minério de chumbo seria aí colocado sobre carvões ou simples ramos de árvores. Em relação ao ferro, apenas sabemos que o sítio de Rumansil I, tal como o Prazo, se situa numa zona onde dominam as camadas de quartzitos (COIXÃO & MOREIRA, 2000: 48). No entanto, esta falta de dados na área de Freixo de Numão pode indicar que o minério de ferro proviria da região vizinha de Moncorvo (Torre de Moncorvo), onde este minério é abundante (COIXÃO & MOREIRA, 2000: 51). Finalmente, o combustível utilizado

¹¹ Várias *villae* são alvo, no século IV, de uma fase de embelezamento, como sucede, na região, em Vale de Mouro, Coriscada (SILVINO *et al.*, 2014).

seria carvão, de origem vegetal, na medida em que o carvão mineral é também ausente na região.

A instalação vinícola é única no contexto micro-regional, na medida que as estruturas identificadas na zona para a produção vinícola no período romano eram, na sua maioria, constituídas por lagares escavados na rocha ou lagaretas isoladas¹². Estes vestígios rupestres, existentes em toda a bacia mediterrânica, são normalmente interpretados como testemunhos de produção vitivinícola romana. Infelizmente, a maioria destas estruturas encontram-se em zonas isoladas, sem estruturas anexas, não permitindo uma datação precisa. Por outro lado, se estes vestígios fossem todos realmente utilizados para a produção de vinho, as quantidades seriam muito reduzidas. No sítio de Rumansil I existem alguns tanques escavados na rocha, num contexto de produção substancialmente superior. Esta instalação está enquadrada por outras estruturas artesanais importantes. Existem poucos paralelos para este tipo de complexo na região. Podemos mencionar o sítio do Alto da Fonte de Milho, onde existe uma *cella vinaria* que utilizava *dolia* no processo de vinificação e armazenamento durante o século III da nossa Era. No entanto, a maioria das publicações centra-se nos lagares escavados na rocha, ainda que com as incertezas cronológicas já referidas. Outras instalações são conhecidas no Centro e, sobretudo, no Sul de Portugal, no Alentejo e Algarve, onde grandes instalações vitícolas e oleícolas funcionariam em grandes *villae* (BRUN, 1997 e 2004). Outro elemento importante é a produção de contentores para a fermentação e armazenagem do vinho: os *dolia*. O *atelier* produziu, efetivamente, estas peças, mas também peças de serviço. As oficinas de olaria clássicas são, infelizmente, pouco conhecidas na região do Douro. Embora as produções de Rumansil I fossem utilizadas para satisfazer as necessidades da exploração agrícola, também seriam utilizadas para abastecer um mercado regional. Quanto à matéria-prima, a argila, temos poucos dados para discernir a sua proveniência durante o período de atividade do sítio. No entanto, se tivermos em conta as produções mais recentes, com oficinas de olaria de Santa Comba (Foz Côa) ou de Torre de Moncorvo (Felgar e Larinho), o fornecimento da matéria-prima seria

¹² São conhecidas inúmeras estruturas deste tipo em Freixo de Numão (COIXÃO, 2002). Ao mesmo tempo, este tipo de estrutura foi estudado no contexto macrorregional do Douro Superior (ALMEIDA *et al.*, 1999; ALMEIDA & FARIA, 1999; ALMEIDA *et al.*, 2000).

realizado a partir do rio Sabor para Moncorvo (10 km) e para Santa Comba (20 km) (RODRIGUES, 2007).

Rumansil I é o único *atelier* de olaria antiga escavado e estudado na zona do Alto Douro, tendo sido alvo de várias publicações. Os vestígios existentes testemunham, entre outros elementos, uma produção de cerâmica pouco documentada na região, ainda que, cronologicamente, apenas abranja parte do período romano. De uma forma geral, a ausência de estudos de cerâmica e publicações deste tema no Nordeste de Portugal faz com que seja complexo compreender a difusão das cerâmicas de Rumansil I numa escala maior. Paralelamente, nesta região de Portugal, este centro produtor continua a ser dos poucos escavados e estudados¹³. A análise que realizámos dos materiais cerâmicos dos centros de consumo periféricos permitiu compreender como se realizaria a difusão da produção de Rumansil I. Embora parte dos *dolia* estivesse destinada a satisfazer as necessidades da instalação vinícola, alguma produção parece ter sido destinada ao mercado local (por exemplo da *villa* do Prazo, da qual o *atelier* dependeria). A publicação deste *atelier* constituirá assim uma base de trabalho e uma primeira referência, oferecendo paralelos fiáveis para os conjuntos cerâmicos descobertos ou por descobrir nesta zona da Península Ibérica. O estudo dos conjuntos cerâmicos, provenientes de outros sítios arqueológicos em torno de Freixo de Numão, permitiu verificar a presença da maioria das formas produzidas em Rumansil I. Ao mesmo tempo, a marca de oleiro *LF* está presente em Zimbro I¹⁴ (COIXÃO, 2000: 252, fig. 119), mas também em locais mais afastados, como na *villa* do Alto da Fonte do Milho (Canelas, Peso da Régua) (TEIXEIRA, 1939), localizada 50 km a Oeste do *atelier*. Infelizmente, os dados relativos à sua cronologia são vagos.

Intervenções recentes no sítio de Trás do Castelo (Pegarinhos, Alijó), na margem direita do Douro (SILVINO & PEREIRA, 2017) ou em Vale do Mouro (Coriscada, Mêda), localizado a 40 km a Sul (SILVINO *et al.*, 2014), deram a conhecer vários conjuntos cerâmicos, entre os quais certas formas específicas do *atelier* de Rumansil I. Conjuntos similares foram também identificados no Baixo Sabor (BAEZ *et al.*, 2014). A ausência de exames precisos das pastas não permite colocar

¹³ Outros fornos de olaria são conhecidos na região, embora com escassa informação disponível (LEMONS, 1993).

¹⁴ Pequena exploração agrícola localizada a 2 km de Rumansil I.

a hipótese de exportação para esta zona, embora esta hipótese não possa ser descartada. Ao mesmo tempo, várias destas formas parecem corresponder às produções estandardizadas da Lusitânia. No Norte de Portugal, os pichéis são bem conhecidos no sítio de *Tongobriga* (Freixo, Marco de Canaveses), cidade localizada no Baixo Douro, a uma centena de quilómetros a Oeste de Rumansil I, embora em contextos cronologicamente mais latos (séculos II-IV da nossa Era) (DIAS, 1995). No entanto, é no Sul de Portugal, em sítios como São Cucufate (Vidigueira), que encontramos paralelos tipológicos mais seguros. O estudo de cerâmicas comuns da *villa* é até hoje a referência ceramológica para a província (PINTO, 2003). Várias formas de Rumansil I encontram-se nos conjuntos deste estabelecimento. Podemos assinalar os potes de asas com bordo evasado (Pote VIII-B-9), presentes nas últimas fases de ocupação da *villa*. Da mesma forma, diversos modelos de bacias também são recorrentes (Bacias V-A-1 e V-B-3). O mesmo sucede com os pratos de bordo ligeiramente reentrante (Prato I-B-2). Relativamente às taças, os exemplares de paredes oblíquas e bordo simples ou ligeiramente reentrante também são conhecidos (Taça III-A-2). Os modelos de paredes bilobadas são também recorrentes (Taça III-A-3). Relativamente aos *dolia*, o tipo 2 de Rumansil I encontra-se bem representado, não apenas em São Cucufate mas de uma forma geral no Sul de Portugal (*Dolium* XIII-A-1).

Finalmente, devemos abordar a definição exata que podemos utilizar para um sítio como Rumansil I. Durante muito tempo, Rumansil I parecia ser a *pars rustica* de uma *villa*, ou seja, a parte agrícola e artesanal de uma exploração rural romana (COIXÃO, 2000). A *pars urbana*, ou área residencial, Rumansil II, estaria localizada a cerca de 300 m do sítio em questão. Nesta zona foi detetado um potencial sítio romano: com muros elevados, fragmentos de cerâmicas de várias tipologias, *tegulae*, etc. (COIXÃO, 2000: 240). No entanto, alguns elementos presentes levam a questionar esta primeira hipótese. O primeiro prende-se com a dimensão de Rumansil I e com a variedade de produções aí patentes, que demonstram que estas instalações pertenceriam provavelmente a um proprietário com posses que deveria ter outras propriedades e terrenos agrícolas. É difícil crer que uma tal personagem residisse num local como Rumansil II. É mais fiável localizar a potencial residência numa zona menos isolada, mais próxima de um aglomerado urbano.

Entre os vários sítios intervencionados, na zona de Freixo de Numão, apenas o Prazo, situado a poucos quilómetros a Sul de

Rumansil I, possui equipamentos necessários a um *habitat* com qualidade na zona residencial, onde o proprietário pudesse gozar do seu *otium cum dignitate*, uma zona residencial, um armazém e estruturas anexas (COIXÃO, 2000: 312-333). Este *habitat*, qualificável como *villa* teve uma longa duração de ocupação, desde o Alto Império até à Alta Idade Média, presença atestada com uma igreja associada a uma zona funerária. O sítio de Rumansil I poderá ter sido um anexo da *villa* do Prazo, correspondendo a um alojamento ocasional do feitor e trabalhadores, em paralelo com as atividades decorrentes de Rumansil I. O domínio estender-se-ia por vários hectares, com diversas instalações complementares, sendo possível ao proprietário gerir diversas propriedades ou dedicar-se a outras atividades, como política, por exemplo. Devemos ainda ter em conta a localização geográfica de Rumansil, num vale próximo da margem do rio Douro. Na carta arqueológica deste território, com terrenos pobres, podemos observar que existia uma alta densidade de ocupação no período antigo, estratificada sobre uma via classificada como antiga (COIXÃO, 2000 e 2018). Se a *villa* do Prazo parece ser basilar neste modelo, existem vários pequenos estabelecimentos agrícolas dedicados, sobretudo, ao tratamento e transformação de recursos naturais (vitivinicultura, oleicultura, cereais e, muito certamente, mineração) e uma provável aglomeração sob a atual vila de Freixo de Numão. As numerosas intervenções realizadas desde a década de 1980 permitiram desvendar uma panóplia importante de vestígios antigos no centro da atual vila, sobretudo na área da praça principal.

Devemos assinalar ainda a descoberta de numerosas inscrições antigas, reutilizadas, sobretudo na igreja de Freixo de Numão (COIXÃO, 2000: 210-220). Se a vila foi, num primeiro momento, identificada como a capital dos *Meidobriguensis* ou *Medobrigenses* devido à documentação epigráfica e arqueológica existente (ALARCÃO, 1999), esta hipótese foi rapidamente colocada de lado pelo mesmo autor (ALARCÃO, 2005). No entanto, Freixo de Numão terá certamente acolhido uma aglomeração importante durante a Antiguidade (um *vicus*?), inserida no território da capital. Além das descobertas arqueológicas e epigráficas, devemos recordar a sua situação geográfica, no extremo de uma planície aberta sobre um vale em direção ao Douro (FIG. 16).

O complexo artesanal de Rumansil I é, verdadeiramente, excepcional, uma vez que constitui uma tipologia de sítio inédito na região do Douro, ou mesmo na Península Ibérica, ao associar várias atividades

artesanais e onde as respetivas cadeias operatórias estão presentes. É o caso do vinho, onde a instalação vitícola é alimentada diretamente pelos *dolia* produzidos nos seus fornos.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1967) – Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa, *Conimbriga*, 6, pp. 1-46.
- ALARCÃO, Jorge de (1999) – Os arredores das cidades romanas de Portugal, *Archivo Español de Arqueologia*, 72, pp. 31-37.
- ALARCÃO, Jorge de (2005) – Povoações romanas da Beira Transmontana e do Alto Douro, *Cóavisão*, 7, pp. 9-18.
- ALMEIDA, Carlos Brochado de, ANTUNES, João Viana e FARIA, Pedro Baère de (1999) – Lagares cavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola no vale do Douro, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2, n. 2, pp. 97-103.
- ALMEIDA, Carlos Brochado de, ANTUNES, João Viana e FARIA, Pedro Baère de (2000) – Sinais do passado em Marialva, *Douro – estudos e documentos*, 10, pp. 173-218.
- ALMEIDA, Carlos Brochado de e FARIA, Pedro Baère de (1999) – Rastreo das antigas ocupações humanas no território meridional da vila da Mêda, *Douro – estudos e documentos*, 7, pp. 179-209.
- ARIÑO, Enrique (2013) – El habitat rural en la península ibérica entre finales del siglo IV y principios del VIII: un ensayo interpretativo, *AnTard*, 21, pp. 93-123.
- BAEZ, Beatriz, BATALHA, Luísa, CARVALHO, Liliana, GARCIA VILLANUEVA, Isabel, LARRAZABAL, Javier, ROSSELO, Miquel e SANTOS, Constança, (2014) – Recipientes de armazenamento no vale do Baixo Sabor (Portugal), da época romana à antiguidade tardia. Ensaio cronotipológico, in *Actas del III congreso internacional de la SECAH*, Tarragona, pp. 898-917.
- BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*, BAR International series 1301, Oxford.
- BRUN, Jean-Pierre (1997) – Production de l'huile et du vin en Lusitanie romaine, *Conimbriga*, 36, pp. 45-72.
- BRUN, Jean-Pierre (2004) – *Archéologie du vin et de l'huile en Gaule Romaine*, Paris: Errance.
- CARRATO, Charlotte (2017) – *Le dolium en Gaule Narbonnaise (Ier a.C.-IIIe S. p.C.). Contribution à l'histoire socio-économique de la Méditerranée nord-occidentale*, Bordéus: Ausonius.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá (2000) – *Carta Arqueológica do concelho de Vila Nova de Foz Côa*, 2.^a ed., Vila Nova de Foz Côa.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá (2002) – Lagares e lagaretas nas áreas de Freixo *Conimbriga*, 59 (2020) 73-111

- de Numão e Murça do Douro (Concelho de Vila Nova de Foz Côa), *Côavisão*, 4, pp. 57-71.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá (2018) – *A romanização no Baixo Côa*, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá e MOREIRA, Maria Eugénia (2000) – Fornos de fundição e forjas do Aro de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) no período de ocupação romana, *Côavisão*, 2, pp. 47-51.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá, MAZA, Guillaume e SILVINO, Tony (2003) – Os fornos de cerâmica do Rumansil I (Murça-do-Douro, Vila Nova de Foz Côa). Estudo preliminar, *Côavisão*, 5, pp. 85-97.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá e SILVINO, Tony (2006) – O sítio arqueológico do Rumansil I, *Côavisão*, 8, pp. 118-137.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá, PEREIRA, Pedro e SILVINO, Tony (2017) – La producción vinícola romana en el Nordeste portugués: los ejemplos de Rumansil I (Murça do Douro) y Vale do Mouro (Coriscada), in PASTOR, Luís Elias (ed.), *Congreso de “Lagares, pilas y lagaretas”*, Labastida de Álava, pp. 24-27.
- COIXÃO, António do Nascimento Sá, SILVINO, Tony e PEREIRA, Pedro (2017) – Rumansil I (Murça do Douro, Portugal): uma produção de cerâmicas da segunda metade do século III e do início do século IV no vale do Douro, in FABIÃO, Carlos *et al.* (coord.), *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental*, Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada, pp. 333-340.
- COSME, Susana Rodrigues (2013) – O contributo das pequenas ‘villae’ rústicas na economia e povoamento dos séculos IV-VII no Douro, in *Actas das 1^{as} Conferências do Museu de Lamego*. Lamego: CITCEM/Museu de Lamego, pp. 141-149.
- CRUZ, Mário da (2001) – *Os vidros romanos de Bracara Augusta*, Braga, Universidade do Minho (Tese de mestrado policopiada).
- CRUZ, Mário da (2009) – *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular, Um Olhar a partir de Bracara Augusta*, Braga, Universidade do Minho (Tese de doutoramento).
- DIAS, Lino Tavares (1995) – *Cerâmica comum romana em Tongobriga*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Trabalho complementar à dissertação de doutoramento em Pré-História e Arqueologia).
- FERNANDEZ GARCIA, Isabel e ROCA ROUMENS, Mercedes (2008) – Producciones de Terra Sigillata Hispanica, in BERNAL CASASOLA, Darío e RIBERA I LACOMBA, Albert (coord.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Cádiz: Universidade de Cádiz, pp. 307-332.
- FIGUEIRAL, Isabel (2010) – Restos vegetais carbonizados do Prazo e Rumansil (Freixo de Numão) – relatório provisório, *Côavisão*, 12, pp. 89-94.
- FOY, Dominique, LABAUNE-JEAN, Françoise, LEBLOND, Caroline, MARTIN-PRUVOST, Chantal, MARTY, Marie-Thérèse, MASSART, Claire, MUNIER, Claudine, ROBIN, Laudine, ROUSSEL-ODE, Janick (2018) – *Verres incolores de l’Antiquité romaine en Gaule et aux marges de la Gaule*, Oxford: Archaeopress.

- HAYES, John Walker (1972) – *Late Roman Pottery*, Londres: British School at Rome.
- LEMO, Francisco de Sande (1993) – *Povoamento romano de Trás-os-Montes oriental*, Braga, Universidade do Minho (Tese de doutoramento).
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge e RODRÍGUEZ MARTÍN, F. Germán (2000-2001) – El “final” de las villae en Hispania. I. La transformación de las *pars urbana* de la villae durante la antigüedad tardía, *Portugalia*, vol. XXI-XXII, pp. 137-190.
- NALDINHO, Sandra, TRABULO, Alberto (no prelo) – A mineração no concelho de Vila Nova de Foz Côa, *Côavisão*.
- PEÑA CERVANTES, Yolanda (2010) – *Torcularia. La Produccion de Vino y Aceite en Hispania*, Tarragona: Institut Català d’Arqueologia Clàssica.
- PEÑA CERVANTES, Yolanda (2014) – Bodegas y almazaras en Hispania: Estructuras y ámbitos de producción, in BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena e BERNAL CASASOLA, Dario (ed.), *Artífices idoneos. Artesanos, talleres y manufacturas en Hispania*, Mérida: CSIC, pp. 211-269
- PEREIRA, Pedro e MORAIS, Rui (2016) – Estudo crono-tipológico de dolia romanos em Portugal, *Ex officina hispana. Cuadernos de la SECAH*, 2, pp. 33-44.
- PEREIRA, Pedro (2017) – *O vinho da Lusitânia*, Porto: Afrontamento/CITCEM.
- PEREIRA, Pedro (2018) – O mundo rural romano no Vale do Douro, in ALARCÃO, Pedro e DIAS, Lino Tavares (coord.), *Construir, navegar, (Re)usar o Douro da Antiguidade*, Porto: CITCEM, pp. 195-210.
- PINTO, Inês Vaz (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*, Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- POUX, Mattieu, BRUN, Jean-Pierre e HERVÉ-MONTEIL, Marie-Laure (coord.) (2011) – La vigne et le vin dans les trois Gaules, *Gallia – Archeologie de la France Antique*, Tome 68.1, Paris: CNRS.
- ROBIN, Laudine (2015) – Vidro, in COIXÃO, António de Sá, SILVINO, Tony e PEREIRA, Pedro, *Relatório de progresso da intervenção de Vale do Mouro (Coriscada, Mêda)* (Policopiado).
- ROBIN, Laudine (2017) – Vidro, in SILVINO, Tony e PEREIRA, Pedro, *Relatório do projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da aldeia de Pegarinhos (Alijó)*, Porto, pp. 53-57.
- RODRIGUES, Miguel Areosa (2007) – Olarias e oleiros no Leste Transmontano, in *Fórum Valorização e Promoção o Património Regional. Actas das Sessões*, ACDR de Freixo de Numão / Parque Arqueológico do Vale do Côa, pp. 16-35.
- ROLO, Mónica (2015) – A necrópole romana da Rouca (Alandroal, Évora), in BRANCO, Gertrudes, ROCHA, Leonor, DUARTE, Cidália, OLIVEIRA, Jorge de, BUENO-RAMÍREZ, Primitiva (ed.), *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*. Actas do II Congresso Internacional Sobre Arqueologia de Transição, Évora: CHAIA - Centro de História de Arte e Investigação Artística, pp. 146-153.
- ROLO, Mónica (2018) – *O mundo funerário romano no Noroeste Alentejano (Portugal): o contributo das intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*, Lisboa, Universidade de Lisboa (tese de doutoramento).

- QUARESMA, José Carlos (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano*, Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- SILVINO, Tony e COIXÃO, António do Nascimento Sá (2008) – Rumansil I (Murça do Douro, Portugal): deux fours de potiers des IIIe-IVe s. ap. J.-C. dans la vallée du Douro, in *SFECAG - Actes du congrès de L'Escala-Empuries*, Marselha: Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, pp. 633-642.
- SILVINO, Tony, PEREIRA, Pedro e COIXÃO, António do Nascimento Sá (2014) – Le faciès céramique d'un établissement rural dans le nord de la Lusitanie: l'exemple de la villa du Vale do Mouro (Coriscada, Portugal). Premier bilan, in MORAIS, Rui, FERNANDEZ, Adolfo e SOUSA, Maria José (dir.), *As Produções cerâmicas de imitação na Hispania. Actas do II Congresso Internacional da Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania, pp. 883-900.
- SILVINO, Tony e PEREIRA, Pedro (2017) – *Relatório do projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da aldeia de Pegarinhos (Alijó)*, Porto.
- SIMÕES, Maria Helena (1986) – Vidros Romanos do Museu de Castelo Branco, *Conimbriga*, XXVII, pp. 143-152.
- TCHERNIA, André, POUX, Matthieu e BRUN, Jean-Pierre (dir.) (2010) – *Le Vin. Nectar des dieux, génie des hommes*, Paris: Infolio.
- VAN DER WERFF, Jacobus Hermanus (1982) – *Uzita. Matériel de fouilles d'une cité antique en Tunisie centrale*, Utrecht: Pressa Trajectina, 2 vol.

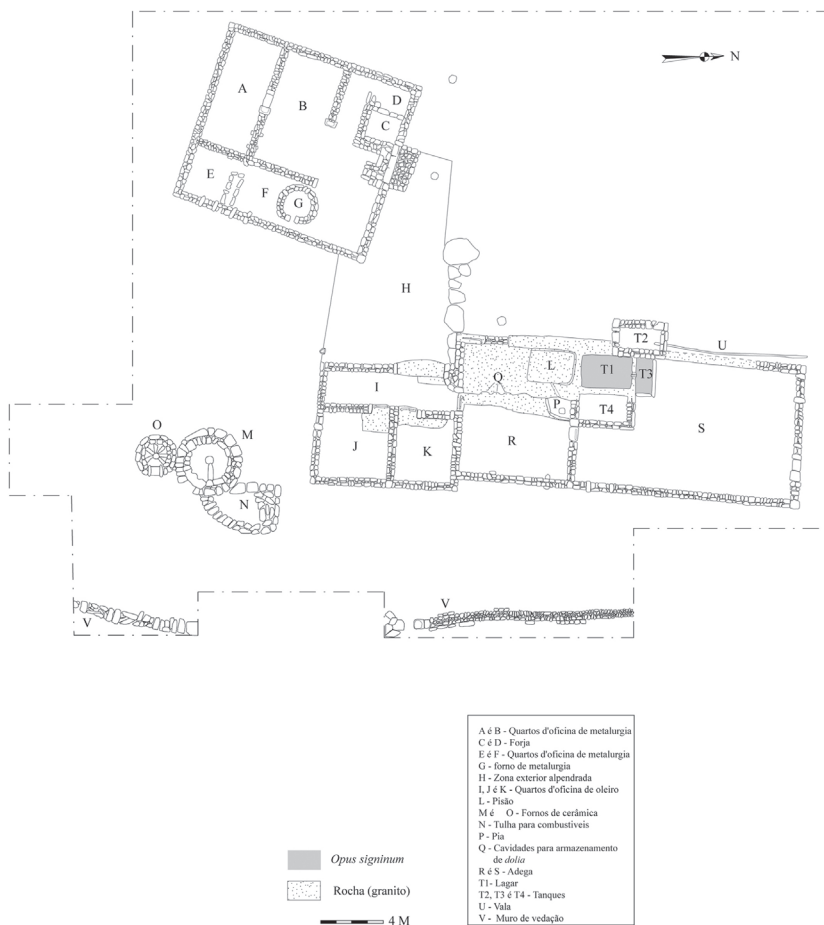


FIG. 2 – Rumansil I. Planta do sítio e interpretação dos espaços.

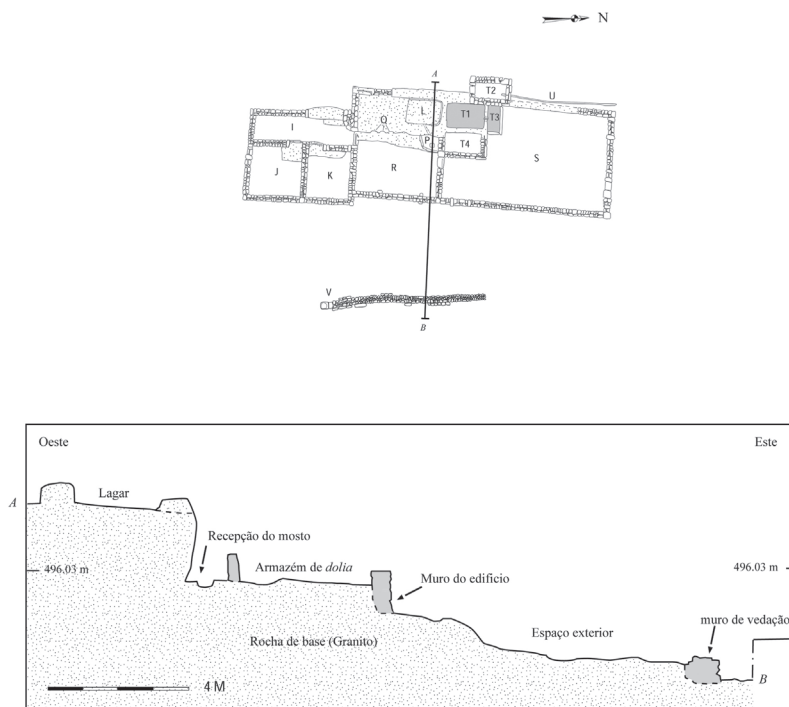


FIG. 3 – Rumansil I. Planta e corte da cella vinaria.



FIG. 4 – *Rumansil I. Fornos cerâmicos.*



FIG. 5 – *Rumansil I. Fornos I e II.*

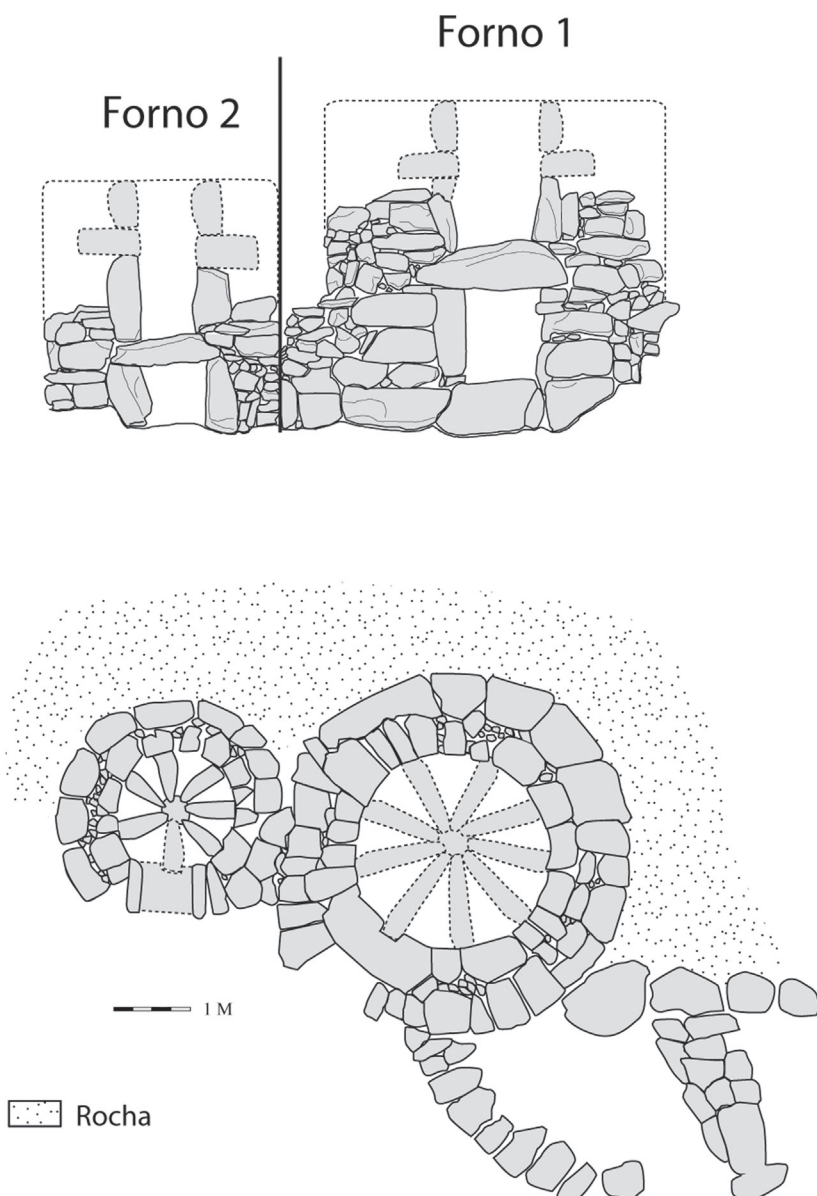


FIG. 6 – Rumansil I. Planta e alçados dos fornos cerâmicos.



FIG. 7 – Rumansil I. Interior dos fornos cerâmicos.

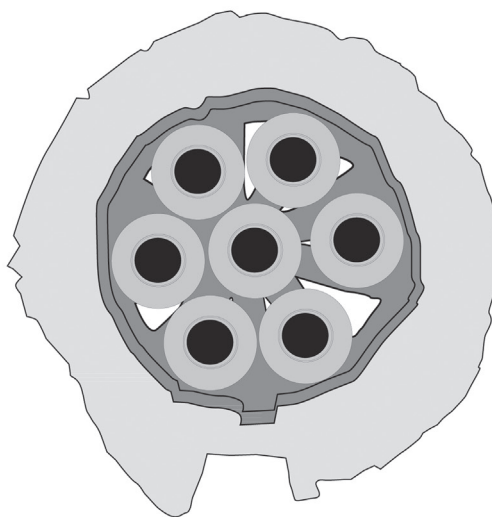
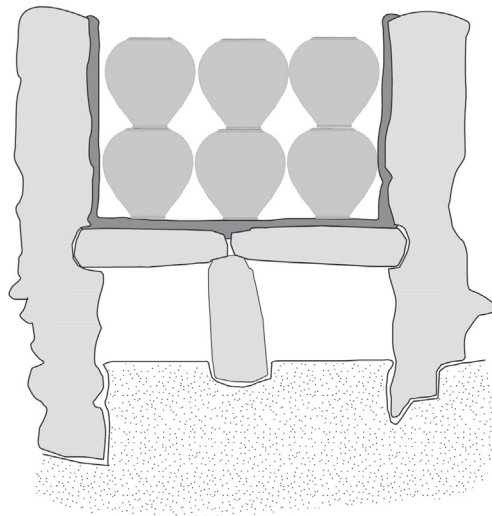
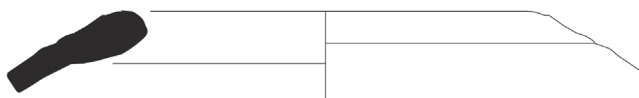


FIG. 8 – Rumansil I. Restituição funcional do forno II.

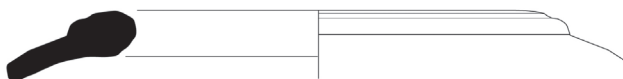


0 100 cm

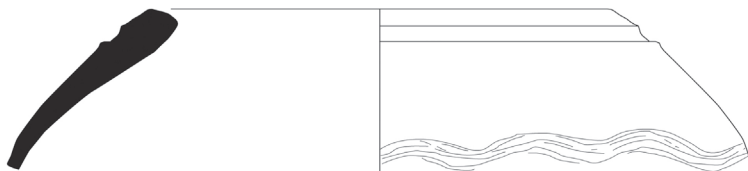
1 - *Dolium* completo



2- Tipo 1



3- Tipo 2



4- Tipo 3



5- Tipo 4

0 20 cm

FIG. 9 – *Tipologias de dolia.*

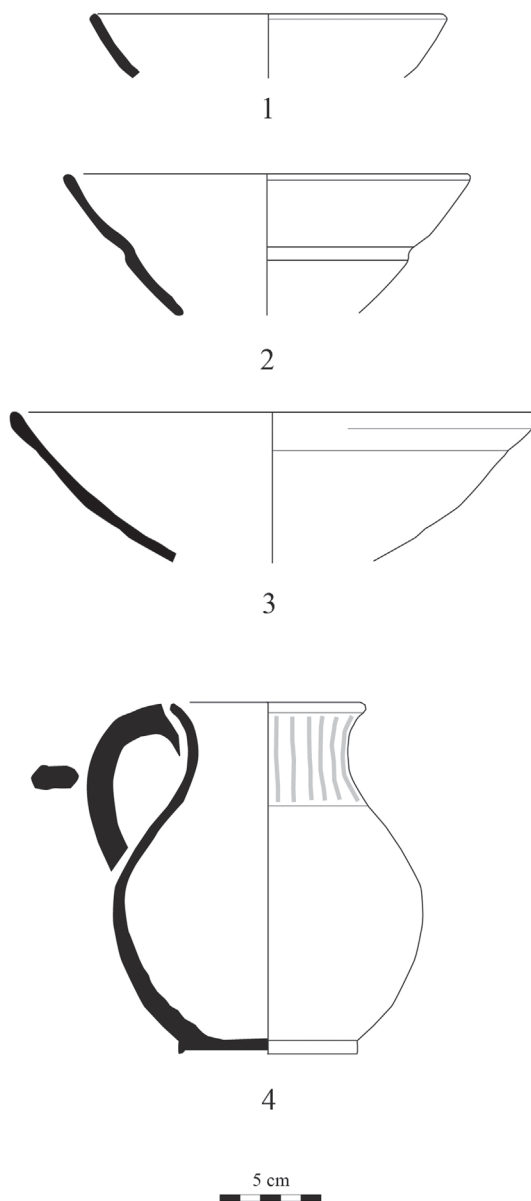


FIG. 10 – *Tipologias de formas de cerâmica fina.*

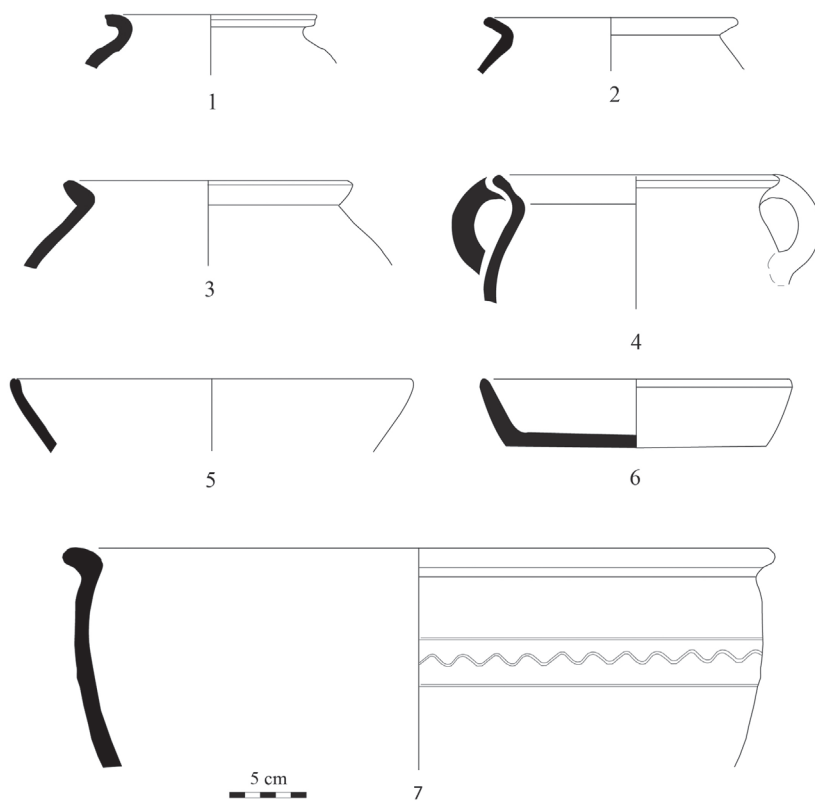


FIG. 11 – Tipologias de formas de cerâmica comum.

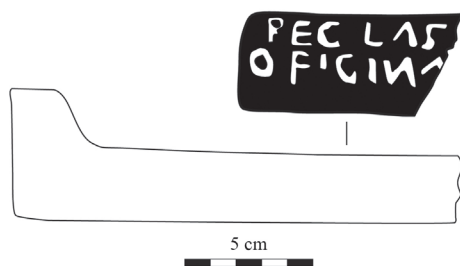


FIG. 12 – Tegula estampilhada.

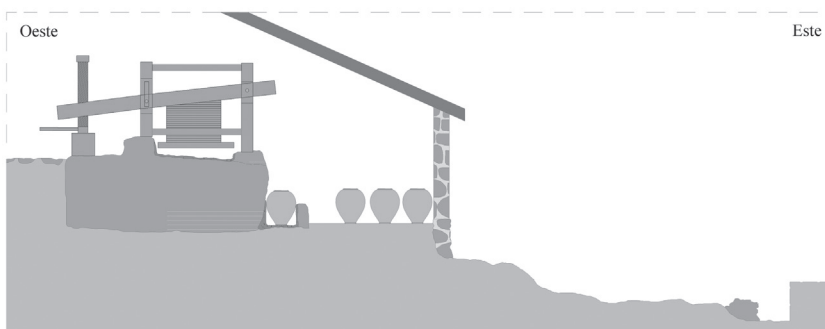
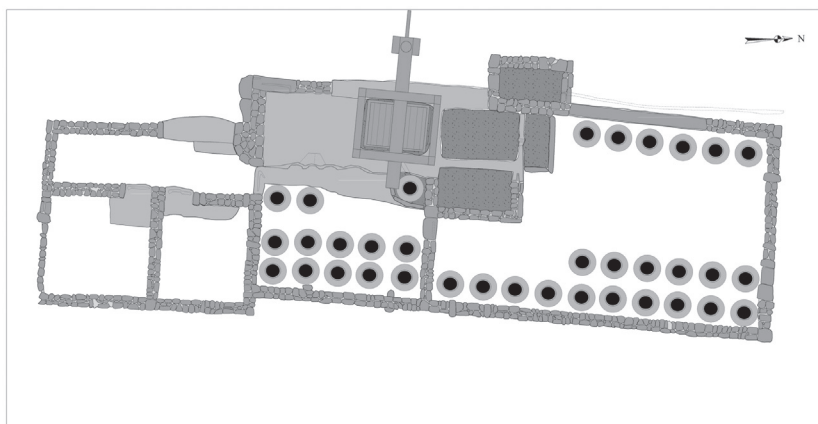


FIG. 13 – *Rumansil I. Restituição da cella vinaria.*

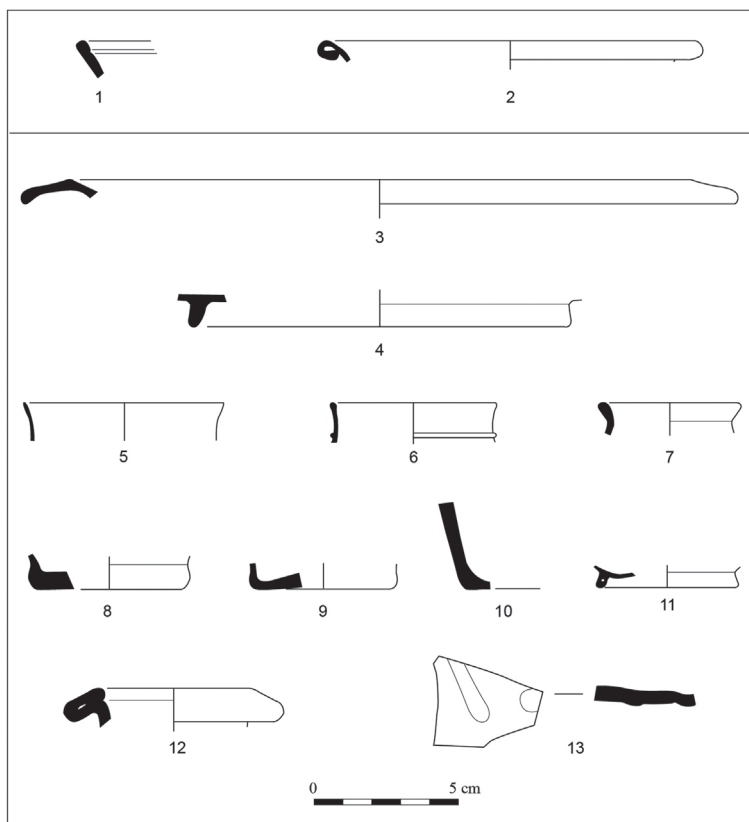


FIG. 14 – *Tipologias de material vítreo.*

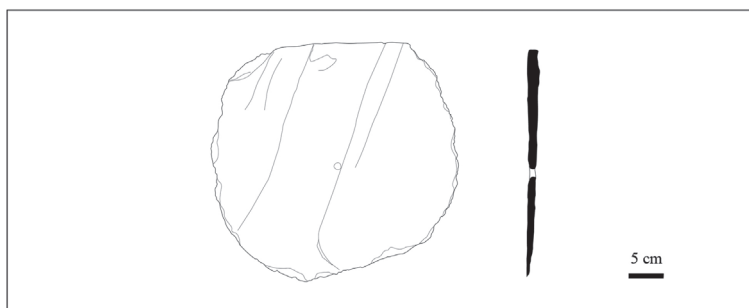


FIG. 15 – *Tampa de dolium.*

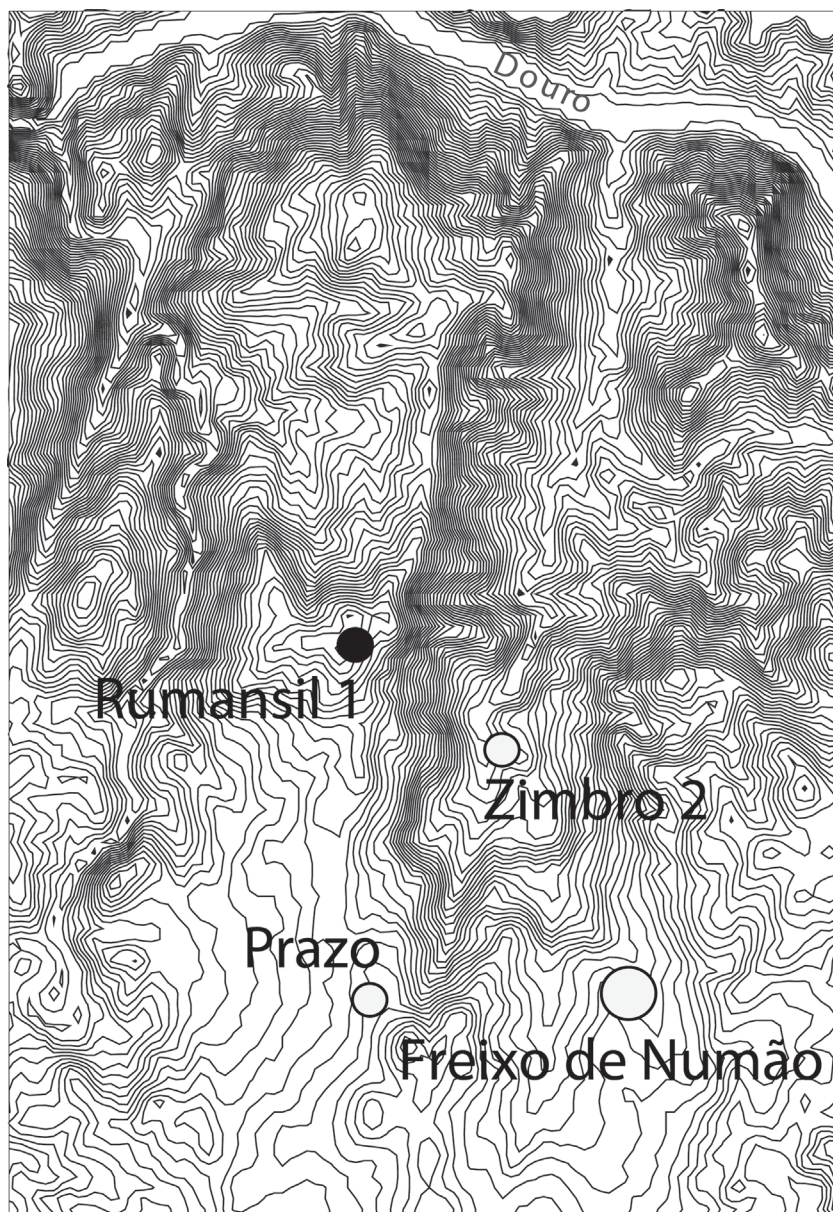


FIG. 16 – Enquadramento topográfico de Rumansil I.